

Primeiros anos na Alemanha

Formação em Colônia

Emil Willems nasceu em 1905 em Niehl, na época um subúrbio ao norte de Colônia, cidade essa localizada na região mais ocidental da Alemanha e às margens do Rio Reno. Niehl, que era essencialmente uma vila camponesa com uma população de aproximadamente 4000 pessoas, foi o local em que Willems permaneceu a maior parte de sua vida até 1930, revisitando-o em 1954, 1956, 1963 e 1967. Segundo Willems, “de subúrbio Niehl tinha, naquele tempo, apenas as aparências mais tênues. Era basicamente uma aldeia de lavradores e pescadores, muitos dos quais combinavam a lavoura com o trabalho assalariado em fábricas da redondeza” (Willems, 1983, p. 1).¹ Em artigo em que analisou a persistência e mudança cultural, Willems escolheu Niehl como objeto de estudo e, ao abordar o crescimento da vila e as mudanças na vida camponesa da região, apontou um fato interessante que ocorreu no ano de seu nascimento e que seria fundamental para o desenvolvimento da região. Segundo o autor, “Em 1905 um moderno hospital com 185 leitos foi construído e, pela primeira vez, um médico escolheu Niehl como o centro para a difusão da prática rural” (Willems, 1970, p. 534, tradução minha).² O que Willems não nos

1 Todas as citações em português foram atualizadas ortograficamente.

2 No original: “In 1905 a modern hospital with 185 beds was erected, and for the first time a physician chose Neyl as the center of a widespread rural practice”.

conta, nesse texto, é que esse médico era seu pai. Filho de um médico de mesmo nome que se estabeleceu em Niehl como chefe médico do recém-criado hospital da cidade, e de Maria Hubertine Justen, cuja história é pouco conhecida, a família era, antes da Primeira Guerra Mundial, a única na cidade em que alguém tinha um diploma universitário, fato esse que dava aos Willems um status social privilegiado. Segundo Willems, esse status gerava uma expectativa de que seu pai agisse de maneira autoritária tanto com seus pacientes como com sua família, sendo respeitado pela sociedade por isso. Da mesma forma, seus pais consideravam-se socialmente superiores às pessoas de Niehl, mantendo limitados contatos com a população local. No entanto, isso iria mudar na vida no pequeno Emil Willems quando, em 1911, matriculado na escola local, teve que dividir a sala de aula com aproximadamente cinquenta alunos, a maioria filhos de camponeses e trabalhadores da cidade. Se Willems não sabia nada sobre eles, era conhecido como o “filho do médico” e “arrogante”, e logo virou alvo de perseguição de seus colegas (Willems, 1993, p. 4).

Willems apresenta alguns dados em seus textos sobre o campesinato que, quando lidos à luz de sua biografia, parecem reveladores. Escreve o autor sobre a educação na vila camponesa de Niehl:

Embora as pessoas fossem totalmente alfabetizadas, tivessem aprendido alemão-padrão na escola e o utilizassem para se comunicar com as pessoas da cidade e autoridades civis ou militares, entre elas preferiam o dialeto local. Qualquer tentativa de comunicar em alemão-padrão teria sido ridicularizada como afetada. Algumas das características acima mencionadas, especialmente o dialeto, os aldeões partilharam, como já foi referido, com a classe trabalhadora de Colônia (Willems, 1970, p. 535, tradução minha).³

3 No original: “Although the people were fully literate, had learned standard German in school, and used it to communicate with urbanites and civil or military authorities, among themselves they preferred the local dialect. Any →

O contato com os filhos de trabalhadores locais no colégio tirou Willems do círculo social a que estava acostumado. A visão criada de que Willems seria arrogante, bem como os relatos de que era perseguido por seus colegas, muito provavelmente estava ligada ao fato de usar o alto-alemão, o *Hochdeutsch*, idioma oficial ensinado nas escolas, e não os dialetos locais utilizados pelas populações rurais e pelos trabalhadores de Colônia, levando-o a ser ridicularizado como “afetado”. O *Hochdeutsch* utilizado por Willems seria, dessa forma, uma marca social que o diferenciava de seus colegas. Essa experiência que revelaria, segundo Willems (1993, p. 4, tradução minha), que “crianças não têm respeito pelo status social”⁴ logo tornaria o filho do médico alvo de perseguições por parte de seus colegas, o que provavelmente o levou a odiar Niehl e seus habitantes. No entanto, apesar dos constantes abusos por parte de seus colegas, Willems (1983, p. 1) caracteriza retrospectivamente esses momentos de “contato diário com meninos proletários” como uma “experiência valiosa”, já que “proporcionava a visão de uma realidade social que, de outra maneira, teria permanecido escondida atrás de um cordão sanitário de classe social”. Cordão sanitário que levou Willems a considerar alguns de seus colegas “retardados”, por suas inabilidades acadêmicas, afirmando que muitos deles eram considerados “dummies” (tolos) por repetirem repetidas vezes de ano até os 16 anos (Willems, 1993, p. 4). Eis como ele caracteriza seus primeiros passos escolares e o contato com seus colegas: “Aprendi a ler e a escrever no meio de uma meninada que só falava o dialeto local, amiúde sofria de sarna e pústulas, e raramente tomava banho” (Willems, 1983, p. 1).

Se Emil tinha uma figura autoritária em casa, na escola não era diferente. Segundo Willems, sua criação fora realizada “de acordo com o

→ attempt to communicate in standard German would have been ridiculed as affected. Some of the aforementioned traits, especially the dialect, the villagers shared, as already pointed out, with the working class of Cologne”.

4 No original: “Children have no respect for social status”.

modelo pedagógico daqueles tempos”, um modelo alemão em que “acima de tudo, foi a disciplina que se cultivava, disciplina que implicava obediência sem discussão e a qualquer preço, disciplina que só se podia manter com meios coercitivos” (Willems, 1983, p. 1). Como recordou, Willems (1983, p. 1, 1993, p. 4) não conseguia se lembrar de seus professores sem uma vara nas mãos.

A memória que Willems nos narrou sobre sua infância aparece de forma recorrente em relatos de outras pessoas do período. Lionel Richard, em seu livro *A República de Weimar (1919-1933)*, descreveu um “balanço” de um professor sobre sua carreira utilizando-se de estatísticas sobre seus trinta anos de profissão na virada do século XIX e primeiras décadas do século XX. O resultado do balanço era que “administrara aos seus alunos 911.500 bengaladas, 124.000 chicotadas, 209.000 suspensões, 130.000 reguadas na palma das mãos, 10.200 socos na orelha, 223.700 bofetadas” e concluía: “É assim que se forma a juventude...” (Richard, 1988, p. 163). Apesar de o relato ter sido feito por um professor da região da Suábia – no sudoeste da Alemanha e que compreende o estado da Baviera – a mesma lembrança de educação rigorosa era vista por toda a Alemanha no período. Conforme afirma ainda Richard (1988, p. 163):

Gerações de alemães só guardaram da escola da época imperial a lembrança de um sistema opressivo. Com frequência, o professor não passava de um policial. A função mais apreciada pela administração era a sua competência em subjugar, em instruir os jovens espíritos que lhe eram confiados. Assim, como o agente de polícia não podia ser concebido sem um sabre ao lado, era impensável o professor sem uma vareta ou bastão!

A lembrança que Willems guardou desse sistema educacional opressivo era uma marca da educação alemã até as reformas impostas pela República de Weimar.

Outra característica social importante de Niehl que ganha relevo ao analisarmos a trajetória e também a obra de Willems é a religião. A região de Colônia era composta majoritariamente por católicos, e, assim como ocorria com quase 80%⁵ da população da cidade, a devoção católica da família de Willems era muito forte. A religião que era ensinada em todas as escolas públicas possuía nessa região da Alemanha, segundo Willems, um forte tom puritano, e ele lembra que sua família era intransigente com qualquer coisa que saísse dos princípios religiosos mais ortodoxos. Princípios tão intransigentes que, quando Willems começou a namorar Hilda, com quem viria a se casar e que se tornaria mãe de seus três filhos, teve que manter o relacionamento em segredo da família, que desaprovava a relação por Hilda ser protestante.

Em 1914, Emil Willems (o pai) é chamado para servir como médico no exército alemão. Era o começo da Primeira Guerra Mundial, e o fim daqueles “anos relativamente despreocupados” (Willems, 1983, p. 1) da infância de Emil filho. No início dos confrontos, a guerra era vista com incrível entusiasmo. Em uma de suas autobiografias, Willems (1993) narrou as enormes multidões nas estações de trem para ver as tropas partindo, afirmando que todos estavam convencidos de que a guerra seria ganha pelo invencível exército alemão, e que até o Natal daquele ano os soldados estariam em casa. Seu pai realmente estava em casa naquele mesmo ano, voltando do front, mas por ter quebrado a perna durante a retirada alemã da França. Com o longo período em que a guerra se manteve e com as derrotas do exército alemão, a situação econômica da Alemanha se degradava e o sentimento de entusiasmo rapidamente mudou no país.

5 Em 1905 Colônia tinha 428.722 habitantes, sendo 339.790 – 79,3% da população – católicos e 76.718 – 17,9% do total – luteranos. Nas estatísticas de 1910, a população era de 516.540, com 78,4% de católicos e 18,6% de luteranos. Dados da *Kölnher Statistisches Handbuch*, (Cologne, 1958), 64ff; e do *Statistisches Handbuch der Stadt Köln*, Vols. 47 (1961) e 56 (1970), cf. Sun (1999, p. 289, appendix 1).

A situação geral piorava à medida em que a guerra tomava um rumo cada vez menos favorável para a Alemanha. A derrocada militar e a chamada “revolução” sobrevieram finalmente, e, ao encalço das tropas alemãs em retirada seguiram as tropas britânicas que chegaram a ocupar a Renânia por vários anos. À miséria da fome associava-se uma inflação que na sua última fase acabou por destruir, completamente, o sistema monetário alemão (Willems, 1983, p. 2).

Ensino ginasial

Em meio a essa turbulência política e econômica, Emil passou nos exames e foi admitido para a escola secundária em 1915 e, como Niehl não oferecia esse tipo de ensino, ingressou no Ginásio Tricoronato em Colônia, “estabelecimento venerável cujos inícios remontavam à Idade Média, e que fazia o possível para conservar a herança medieval intacta” (Willems, 1983, p. 2). Conforme relembrou o próprio Willems (1993) em *My life in three worlds*, *Gymnasium* era o nome genérico dado às escolas secundárias do período e, em Colônia, assim como em todos os grandes centros urbanos da Alemanha, havia diversos tipos de escolas secundárias com ênfases distintas. Algumas com enfoque nas ciências e línguas contemporâneas e outras, como aquela em que Willems ingressou, que preservavam a “tradição clássica” com o estudo de latim, grego antigo, literatura e história greco-romana. O chamado *humanistisches Gymnasium*, tipo mais tradicional de ensino secundário, era rigidamente dividido em nove séries e em todas as nove Willems tinha oito horas semanais de aulas de latim enquanto as outras disciplinas escolares ocupavam duas ou três horas semanais. Além disso, na terceira série o ensino de francês entrava no currículo e, na quarta série, as aulas de grego clássico ocupariam uma posição semelhante ao ensino de latim até o final do curso. Willems, ao recordar de seu tempo enquanto aluno secundarista do *Gymnasium*, relata a discrepância entre o seu

ensino e o momento do país. Em meio à Grande Guerra, com a situação de penúria material pela qual o país passava, uma educação dedicada ao ensino clássico parecia destoar do momento de crise que se instalava. Segundo Willems, o estudo dos clássicos, que fornecia aos alunos o que os alemães chamavam de *Bildung* – algo como cultura geral – estava completamente apartado da vida real alemã e não atraía a paixão dos adolescentes. Willems nos narrou que seu desinteresse o tornara um aluno preguiçoso, ficando entediado na maioria das aulas em que os professores, apesar de sua base sólida para o ensino, não dispunham de inspiração didática, e fazendo o mínimo possível para avançar nas matérias.

Em 1958, Willems publicou na revista *Anhembi* seu diagnóstico sobre o ensino clássico tal qual ao que foi submetido durante a infância. Apesar de não apontar diretamente para sua experiência biográfica enquanto aluno, e tampouco como professor ginásial (no capítulo 2 ressalto que Willems foi professor secundarista em diversas escolas de Santa Catarina, Paraná e São Paulo), só pelo título do artigo, “Agonia das Letras Clássicas”, já temos uma ideia do que o autor achava de tal instrução. Para Willems, “a posição das letras clássicas no currículo secundário dos últimos cem anos é um anacronismo. Nada há de surpreendente no declínio atual do ensino do latim e grego” (Willems, 1958a, p. 485). O mesmo diagnóstico é encontrado, também, no relato autobiográfico de 1983. Conforme escreveu Willems (1983, p. 2),

o colégio clássico era uma relíquia do passado, quase totalmente alheio à realidade social do século vinte. Corresponhia ao gosto literário de uma sociedade pré-industrial em que a educação colegial fora monopólio de uma minúscula classe social, despreocupadamente dedicada à conservação de uma tradição vetusta e quase sagrada. O cataclismo da guerra e as convulsões político-econômicas que a seguiram, não constituíam ambiente propício a tais empenhos.

Segundo Willems (1958a, p. 486), tal ensino figuraria apenas no “lastro cultural das elites intelectuais” que, “gozando de posições privilegiadas, puderam segregar-se das massas e entregar-se a tentativas de reconstruir a atmosfera estética que parecia emanar das obras de um Homero, Sófocles, Ovídio ou Horácio”. Além disso, escreveu Willems sobre a disciplina empenhada para o estudo clássico:

Não há dúvida de que o estudo das letras clássicas impõe uma disciplina mental extraordinariamente rigorosa. O domínio eficiente do latim e grego requer longos anos de estudos gramaticais, que, por falta de motivações espontâneas, se transformam, no correr do tempo, no mais tedioso drill, imposto por uma disciplina das mais draconianas. Agindo em dois sentidos diferentes, essa disciplina domina, acima de tudo, o ambiente interno da escola (Willems, 1958a, p. 486).

No entanto, o ensinamento clássico inspirou Emil em outras direções. O estudo no *Gymnasium* desenvolveu no aluno um gosto profundo pela literatura, a ponto de Willems almejar uma carreira de escritor. E, de fato, escreveu poemas e peças, influenciado por Rainer Maria Rilke e Franz Werfel, e publicou em 1926 um volume de 62 páginas com suas poesias que foi bem recebido apenas na crítica do jornal local, tendo dois de seus poemas sido musicados pelo compositor Fritz Fleck (1880-1933).⁶

6 O contato com Fritz Fleck, compositor e crítico de música e teatro no início da década de 1920, deu a Willems acesso aos concertos e eventos de ópera de Colônia. No entanto, apesar do sucesso de Fleck enquanto compositor romântico e com o balé *Batyllus*, de sua autoria, apresentado na prestigiosa Ópera de Colônia, o musicista sentia-se menosprezado pelo mundo artístico (Willems, 1993). Dentre as obras de Fleck encontram-se as *Fünf Gesänge für eine Singstimme mit Klavierbegleitung*, que podem ser acessadas em https://imslp.org/wiki/Category:Fleck,_Fritz (acesso em 30/10/2019).

Infelizmente, não consegui localizar os poemas escritos por Willems, mas o reconhecimento que o jovem escritor faz às suas influências literárias são reveladoras sobre o contexto cultural da Alemanha nos primeiros vinte anos do século passado. Ao descrever o ambiente intelectual e artístico em *A cultura de Weimar*, Peter Gay (1978) discorre sobre a importância de Rilke na literatura do período. Conforme afirma Gay (1978, p. 68):

Rilke estava desembaraçado de um círculo social formal; qualquer um podia fazer parte do culto de Rilke, bastando para isso, lê-lo. E todos o liam. Jovens soldados iam ao encontro da morte com seus versos nos lábios, todos os movimentos de jovens, que desempenharam um papel tão importante na vida alemã antes e durante Weimar, tornaram-no um de seus poetas favoritos.

Assim, a partir dessa rápida recuperação do ambiente intelectual da Alemanha do período da República de Weimar notamos como Willems estava imerso no ambiente cultural e como as suas influências artísticas não foram de forma alguma fortuitas. O papel que a poesia de Rilke teve para a geração de jovens de língua germânica no começo do século passado é revelador sobre o período. E o interesse por poesia enquanto gênero também ocupa um local de destaque. Gay (1978, p. 82) refletiu sobre o tema, analisando “como as memórias pesadamente carregadas de testemunho mostram muitas e muitas vezes, [que] os homens de Weimar eram particularmente suscetíveis à poesia”. Da mesma forma, a referência a Franz Werfel, que aparecia no ambiente cultural com versos expressionistas, marcou os jovens da época. Segundo Gay (1978, p. 135), Werfel “encorajava a rebelião do filho contra o autoritarismo do pai”, autoritarismo esse, como vimos, que marcava as relações familiares dos Willems. Werfel, para além da influência aos versos do jovem Willems,

foi também referenciado em “A sociologia do snobismo”, publicado por Willems em 1939.⁷

A impressão que Willems guardou de seus poemas de juventude e que nos relata em sua autobiografia de 1993 era apenas de que eles deviam ser bem ruins, a ponto de o autor abandonar logo a ideia de se dedicar à literatura (Willems, 1993, p. 8). Entretanto, a despeito da paixão pela literatura, ser escritor não foi a primeira ocupação almejada pelo jovem Emil enquanto aluno secundarista. Seu interesse pela música, em especial pelo violoncelo, era tão forte que ele chegou a vislumbrar uma carreira profissional como músico. Na juventude, ao encontro dos “movimentos de jovens” ao qual Gay se refere, Willems lançou com seus colegas uma “Associação de Literatura e Música Modernas”, em que ele e seus colegas participavam de aparições públicas em Colônia recitando poesias com o acompanhamento do piano e do cello. No entanto, a carreira de músico foi rapidamente abortada por Willems devido a suas modestas habilidades musicais para prosseguir com a carreira profissional (Willems, 1993, p. 8).

Se Willems era realmente ruim como poeta e músico ou apenas muito crítico em relação às suas composições de juventude não posso afirmar, mas o fato de uma editora ter publicado um de seus livros e suas peças terem sido musicadas por um compositor local talvez indique que tanto autor como parte da crítica não consideravam suas produções artísticas tão ruins. Contudo, quem se depara com o estilo dos textos acadêmicos do antropólogo dificilmente vislumbra alguma pretensão poética ou musical, pelo contrário. A separação entre escrita “científica” e “literária” é clara e nos textos acadêmicos de Willems a concepção cientificista predomina. Mas se os seus interesses literários “não foram além de ensaios imaturos e mal-acabados”, produziram no aluno um gosto pelo

7 Willems faz referência ao texto de Franz Werfel (1928), “Der Snobismus als geistige Weltmacht”, e afirma: “O snob vive como repara com muito acerto Werfel no estado de um permanente suicídio ‘espiritual’” (Willems, 1939, p. 54).

manuseio da língua que, mais tarde, se estendeu ao estudo de outros idiomas (Willems, 1983, p. 2).

Formação universitária: de Colônia a Berlim

Thalman (1988) apontou como única mudança notável da passagem do Império para a República de Weimar, no que diz respeito às universidades, o aumento vertiginoso da quantidade de estudantes. Com o mesmo número de 21 universidades, o número de estudantes passou de 72.064 em 1913-1914 para 117.811 em 1931-1932, o que “beneficiou essencialmente a disciplinas socioeconômicas, científicas e técnicas” (Thalman, 1988, p. 74). Para além do enorme crescimento do corpo discente, Ringer (2000, p. 85) mostra como um dos desenvolvimentos mais importantes no ensino superior do período de Weimar foi a criação ou expansão de três novas universidades urbanas: Frankfurt, Hamburgo e, a que nos interessa aqui, Colônia. Segundo Ringer (2000, p. 86), o instituto comercial (*Handelshochschule*) foi criado em 1901 com a “generosidade e o interesse privado e municipal”. Logo foram criados no instituto a academia de medicina prática (1904), uma organização para o ensino público avançado em direito e política (1906), uma academia (*Hochschule*) de administração municipal e social (1912), e um instituto de pesquisa de ciências sociais em 1918, que logo adquiriu reputação nos novos campos da sociologia, da psicologia social e da política social, e que, segundo o autor, foi a “verdadeiramente da nova universidade” (Ringer, 2000, p. 86). Essas seriam as bases segundo as quais se desenvolveria a Universidade de Colônia. E foi nessa nova universidade que Willems ingressou em 1924 e sobre ela descreveu o desenvolvimento do ensino superior na cidade. Escreveu o autor:

Antes de 1918, Colônia tinha apenas uma Faculdade de Economia, mas não uma universidade. O governo republicano criou algumas novas

universidades, e Colônia recebeu uma delas. A maioria das suas divisões situava-se no edifício da Faculdade de Economia, que tinha se tornado uma das faculdades constituintes da nova universidade. O antigo edifício era demasiado pequeno para acolher a massa de estudantes que crescia rapidamente. É claro que qualquer pessoa que tivesse passado nos exames finais de um *Gymnasium* credenciado tinha de ser admitida na universidade mediante pedido formal. Eu me inscrevi na Faculdade de Economia, que tinha um corpo docente excepcional, mas as salas de aula estavam muito cheias e os atrasados tinham de se sentar no chão (Willems, 1993, p. 9, tradução minha).⁸

Na Universidade de Colônia, Willems se deparou com o que mais tarde descreveria como a “liberdade acadêmica” alemã e que iria contrastar com sua experiência nas universidades brasileiras e norte-americanas. Segundo Willems, a universidade não orientava o que os alunos deveriam fazer e nem os cursos que deveriam ser cursados. Foi graças a um aluno veterano, que indicou os primeiros passos acadêmicos de Willems, que o futuro antropólogo conseguiu planejar sua carreira acadêmica inicial. Além disso, o sistema de ensino alemão não dividia os alunos por anos, misturando veteranos e iniciantes na mesma sala de aula, e a inexistência da ideia de “ano acadêmico” é apontada por Willems (1993, p. 9) como característica do sistema universitário alemão. Sistema universitário que, segundo Willems, tinha como tradição a mudança, por parte do corpo

8 No original: “Before 1918 Cologne had only a School of Economics but no university. The republican government established a few new universities, and Cologne received one of them. Most of its divisions were located in the building of the School of Economics which had become one of the constituent colleges of the new university. The old building was much too small to accommodate the rapidly growing mass of students. Of course anybody who had passed the final examinations of an accredited Gymnasium had to be admitted to the university upon formal application. I enrolled in the College of Economics which had an outstanding faculty, but classrooms were incredible crowded, and latecomers had to sit on the floor”.

discente, de instituições pelos mais diversos motivos. Depois de três semestres na Universidade de Colônia, a lotação das salas e o pouco interesse pelas aulas de economia foram motivos suficientes para o aluno decidir mudar. E escolheu, justamente, a Universidade de Berlim, que, para Willems, era, naqueles tempos, uma das principais universidades da Europa. Willems apontou essa transferência como decisiva para sua formação intelectual. Segundo ele, “essa universidade se impunha então pela excelência de seu corpo docente, e foram professores como Sombart, Herkner, Vierkandt e outros” que seriam os responsáveis por aguçar sua curiosidade intelectual (Willems, 1983, p. 3).

Berlim tornou-se, a partir de 1923, o centro da modernidade. Com 4,3 milhões de habitantes e transformando-se na terceira maior metrópole do mundo, atrás apenas de Nova York e Londres (Thalmann, 1988), a cidade com seu pujante ambiente cultural atraiu Willems como a grande cidade dos teatros da Europa. Em suas memórias, Willems acentuou os trinta teatros e as três casas de óperas das noites culturais de Berlim, e destacou a cena artística da cidade. No entanto, se a cena cultural fervilhava na capital, a cena política não deixava por menos. Os confrontos entre militantes comunistas e nazistas cresciam nas ruas e criavam um ambiente de violentas confrontações políticas. Com a liberdade acadêmica que até então ainda lhe era garantida e para fugir das distrações que a vida na metrópole proporcionava, Willems partiu para a Universidade de Münster em 1926. Nessa “cidade quieta e provincial, não tão distante de Colônia” (Willems, 1993, p. 11, tradução minha),⁹ realizou os trabalhos universitários em uma boa universidade, segundo suas lembranças. Entretanto, havia um lado negativo, que associava com o que acreditava diagnosticar como um baixo nível intelectual por parte do corpo discente.

9 No original: “Münster is a quiet provincial town, not far from Cologne”.

Permanecendo em Münster até 1927, Willems retornou a Berlim para se graduar e tornou-se um *Diplomvolkswirt*, graduado em economia.

Em 1928 Willems viajou para Paris para realizar um semestre de verão como estudante da Aliança Francesa. Esse período na França é apresentado de maneira dúbia a depender da fonte pesquisada. Em seu relato autobiográfico enviado a Oracy Nogueira, Willems (1983, p. 10) afirma que em Paris se “entusiasmou pelas preleções de Marcel Mauss e de outros sociólogos eminentes”. No entanto essa é a única referência a Mauss encontrada, e na autobiografia de 1993 as figuras da academia francesa são completamente suprimidas. O que Willems ressalta nesse texto é a descoberta da arquitetura parisiense, da arte dos museus e das férias que passou com Hilda na Normandia, “um dos melhores verões de sua vida”.

Após ter passado um semestre de 1928 em Paris para aperfeiçoar seu francês, Willems retornou a Berlim para o doutoramento, não em economia, disciplina de sua formação, mas no Programa de Sociologia, Filosofia, História Moderna e Economia. Com a transferência de Willems para Berlim, o estudante levou também a influência de Leopold von Wiese, considerado por ele como um pioneiro da sociologia empírica da Universidade de Colônia (Willems, 1993, p. 11). Segundo Thalmann (1988, p. 81), a sociologia da Universidade de Colônia cultivava a “análise das relações interpessoais (*Beziehungslehre*) de Leopold von Wiese”, o que fez com que Willems começasse a se interessar por sociologia e o levou a optar por realizar a tese de doutorado nessa disciplina. Interessado pelos trabalhos de comunicação e jornalismo, Willems apresentou ao professor Alfred Vierkandt uma proposta de dissertação sobre as inter-relações entre opinião pública e imprensa, e passou a fazer parte do “pequeno círculo de devotados estudantes” orientados por ele. Além disso, como aluno de Vierkandt, Willems diz ter ganhado acesso a um pequeno grupo de sociólogos, como Karl Dunkmann, que havia acabado de lançar uma revista de sociologia aplicada, e Theodor Geiger, autor de diversos livros sociológicos bem recebidos na época. A revista de

sociologia aplicada (*Archiv für angewandte Soziologie*) criada em 1928 e que, segundo König (1987, p. 260), acabaria com o monopólio da revista de Colônia (*Kölner Vierteljahrshfte für Soziologie*), trouxe em seu volume de 1930 um dos primeiros artigos de Willems (1930b), o estudo sobre o esnobismo “Essai über den Snobismus”, e em 1932 o artigo “Der deutsche Arztestand als Sozialgebilde” (Willems, 1932) (algo como “A profissão médica alemã como estrutura social”). Dunkmann e Geiger são apontados por Willems como duas figuras centrais para seu desenvolvimento acadêmico. Willems comentou que, ao ouvir suas análises críticas das publicações da época, aprendeu mais do que em muitos de seus cursos e foi incentivado a seguir em novos projetos.

Willems não chegou a publicar textos sobre o ambiente cultural e acadêmico da Alemanha, ou especificamente de Berlim nos anos 1920-1930. No entanto, teve acesso e deu sugestões¹⁰ ao texto que seu colega, René König, de tempos de doutoramento em Berlim, escreveu em 1987. Nesse texto, König se utilizou do *Handwörterbuch der Soziologie*, publicado em 1931 sob a organização de Alfred Vierkandt, como ponto de partida para desenvolver o que seria a sociologia de Berlim em 1930. Apesar de os autores que colaboraram para o *Handwörterbuch* não serem exclusivamente professores ligados à Universidade de Berlim, Vierkandt reuniu no dicionário uma vasta gama de intelectuais, inclusive contrários às concepções sociológicas do organizador, tornando o dicionário, apesar das diversas lacunas que König afirma ter, uma importante publicação que revela as preocupações e correntes teóricas que estavam em disputa na Berlim dos anos 1930. E são esses autores, tais como Ferdinand Tönnies, Hans Freyer, Karl Mannheim, além dos já conhecidos Werner Sombart, Leopold von Wiese, Theodor Geiger, Alfred Vierkandt, para mencionar

10 Conforme indicado em nota de rodapé sobre o capítulo “Soziologie in Berlin um 1930”, Willems leu o manuscrito e deu sugestões importantes antes da publicação (König, 1987, p. 258).

apenas os autores mais citados por Willems, que figuravam no ambiente acadêmico da sociologia germânica em 1930.

O interesse de Willems pelos estudos de comunicação a partir de sua ida a Berlim não é de forma alguma gratuito. Como nos revela Thalmann (1988, p. 95), “instrumento privilegiado da difusão das ideias e das modas, a imprensa, o rádio e o cinema conhecem um desenvolvimento, mas também uma concentração espetacular na Alemanha de Weimar”, principalmente na capital. Os trabalhos de Willems sobre a *Zeitungswissenschaft* – termo alemão para os estudos de comunicação no período (*Zeitung*/jornal e *Wissenschaft*/ciência) –, nesse sentido, estavam associados ao que Averbeck-Lietz (2014) afirma ser a primeira fase dos estudos de comunicação alemães. Essa primeira fase da ciência do periódico, que remontaria do final do século XIX até a República de Weimar, quando jornalistas, sociólogos e economistas começaram a pensar sobre a imprensa de massas no mundo moderno (Averbeck-Lietz, 2014, p. 419), teria nos escritos de Weber e Tönnies um ponto fundamental e inspiraria os jovens estudantes como Willems.

Averbeck-Lietz (1999, p. 333-344), em dissertação sobre as perspectivas sociológicas do jornalismo realizadas na Alemanha entre 1927 e 1934, reserva aos estudos de Emil Willems sobre opinião pública e imprensa um subtítulo, “Emil Willems (geb. 1905/Universität Berlin)”. O doutoramento de Willems na Universidade de Berlim com o trabalho *Kollektivmeinung und Presse in Zusammenhängen: ein Beitrag zur speziellen Soziologie* (Willems, 1930c), além dos artigos “Die Bekanntschaft” (Willems, 1930a) e “‘Öffentliche Meinung’ als Urteil des Kollektivsubjektes” (Willems, 1931), é apresentado pela autora em meio ao surgimento de estudos interdisciplinares de sociologia e comunicação. Segundo Averbeck-Lietz, Willems teria sido aluno de Emil Dovifat, jornalista que desde 1928 era diretor do Instituto Alemão de Jornalismo e que participou com ele do “Congresso Internacional de Jornalismo”, realizado em Colônia no mesmo ano. Averbeck-Lietz, a partir da análise de documentos da Universidade

de Berlim,¹¹ aponta que em 1928 Willems escreveu ao reitor da universidade solicitando que Dovifat fosse o coorientador de sua dissertação. No entanto, como o jornalismo ainda não havia sido admitido como disciplina na Universidade de Berlim, o escritório do reitor rejeitou a solicitação de Willems, que foi orientado apenas por Vierkandt (Averbeck-Lietz, 1999, p. 333).

O interesse de Willems pela imprensa não foi apenas teórico. Em 1930, com a falta de empregos na capital, Emil iniciou uma rápida carreira como repórter de tribunais de justiça para um jornal dos arredores de Düsseldorf, mas, segundo Willems, além da maioria dos julgamentos serem desinteressantes, o pagamento era irrisório. Foi acompanhando os julgamentos “de alguns heróis nazistas que foram indiciados por agressão ou assassinato” que Willems (1993, p. 12, tradução minha)¹² abriu os olhos para as atividades criminosas das tropas de Hitler. Foi assistindo a esses “muitos processos contra nazistas acusados de crimes de violência, notáveis pela crueldade bárbara com que foram executados” que Willems (1983, p. 4) “já não tinha ilusões quanto à natureza bestial de um possível regime nazista”. Com a insegurança encontrada na Alemanha, a falta de emprego e o desejo de se casar com sua namorada Hilda, Willems começou a pensar em sair do país. Um amigo da família de Hilda que tinha estado no Rio Grande do Sul como professor em 1924 animou Willems para que considerasse a emigração para o Brasil. Com esse novo horizonte,

11 A autora afirma que tentou contato com Willems por telefone durante o período de sua pesquisa de mestrado, mas o professor se recusou a comentar seus estudos sobre imprensa. Como veremos ao analisarmos o caráter biográfico dos escritos de Willems, ele aparece caracterizado pela reclusão e aversão em compartilhar dados para além dos seus trabalhos.

12 No original: “But few trials were newsworthy, and the pay was no more than a little pocket money, and sometimes not even that. By the way I attended the trials of a few Nazi heroes who had been indicated for assault or murder. These trials opened my eyes to the criminal activities of Hitler’s storm troopers”.

Willems passou a escrever para alguns endereços indicados pelo amigo se oferecendo para trabalhar no Brasil e a estudar português. E eis que em 1931 Willems recebeu a oferta de lecionar em um seminário católico, partindo definitivamente para o Brasil.